

Contos Eróticos

Os Velhotes

António José Pereira da Costa



Título
Os Velhotes
Contos Eróticos

Autor
© António José Pereira da Costa

Coordenação da Edição
© Alfarroba

Design
Alfarroba

Revisão
Lucília Conde Camacho Franco

Impressão e Acabamento
Diário do Minho

ISBN
978-989-8888-78-5

Depósito Legal
470 025/20

Data da Edição
Agosto 2020

Por vontade do autor, o livro não
segue as normas do AO 90.

uma edição da Alfarroba

Largo São João n.º 16 A, 1.º
2890-028 Alcochete | telefone: 210 998 223
e-mail: geral@alfarroba.com.pt



www.alfarroba.com.pt

*Velhos são os trapos e
... mesmo assim... usam-se.*

(Ditado Popular)

*“O único verdadeiro antídoto
para a angústia que engendra
na humanidade o conhecimento
da sua morte inelutável
é a alegria erótica [...]”*

*[...] É por isso que o artista faz
das coxas de uma mulher
as colunas de um templo
que é necessário franquear
para ganhar o céu.”*

“The Joys of Sex”, In. Calendário Erotica Universalis – 1996¹

Prefácio

Habitualmente, os intervenientes em contos de teor licencioso, erótico ou mesmo pornográfico são atletas sexuais capazes de grandes feitos, quer sejam homens ou mulheres. Sempre prontos para as actividades mais “pecaminosas”, atingindo níveis de excitação indiscreíveis, atraem-se mutuamente através de uma espécie de jogo que é sempre previsível e muito pouco imaginativo. Além disso, são todos eroticamente belos e apetecíveis, atraindo-se mutuamente com extrema facilidade e com um período de aproximação incrivelmente curto e impraticável numa situação real. Em última análise, o leitor sabe quase sempre o que vai acontecer e quem escreve presume que quem lê não apreciará demoras, como se a história fosse destinada a consumo imediato e rápido. Esta fórmula, aplicada a outros tipos de literatura, seria desastrosa e desinteressante. Porque o não será se aplicada à literatura erótica?

Parece que os criadores deste tipo de texto procuram provocar no leitor sempre a mesma espécie de imaginário que, até pode ser mentalmente excitante, mas que não corresponde a algo possível de realizar, por homens e mulheres como todos nós: pacatos cidadãos, vivendo a vida diária e, ainda menos, os que já passaram a barreira psicológica dos sessenta e cinco. Entendo que é sempre fundamental um certo toque de realidade que valorize o texto e permita que o leitor registre uma história e a ela volte, com certo prazer.

Não conheço, se calhar por erro meu, literatura erótica ou pornográfica em que os personagens sejam pessoas daquilo a que vulgarmente se chama a terceira idade. Será assunto que se convencionou não ser interessante e que, por isso, não é abordado. Outra ideia corrente e tida como incontornável é: os velhos não têm nem precisam de sexo. A literatura deste tipo em que os intervenientes sejam pessoas “de certa idade” não se venderia, por não ter beleza, nem produziria excitação

nem interesse suficiente no leitor. E todavia... não há prova cabal de que as narrativas de sexo na terceira idade não se revelarão interessantes, mais que não seja para os leitores a que vulgarmente se chama seniores.

Nestes textos, vou excluir descrições de qualquer tipo de violência, refúgio de alguns escritores para a inclusão de cenas de sexo nos seus livros. Há que distinguir entre sexo e violência, sabendo-se que esta pode surgir com a maior facilidade e atingindo níveis elevadíssimos, sem vir acompanhada de actos sexuais. Na minha opinião, o sexo ganhará sempre, se se apresentar separado da violência, fazendo antes apelo a uma ligação afectiva ou, no mínimo, de simpatia entre os intervenientes. Uma ligação afectiva por mais ténue que seja tornará a história mais natural e enriquecerá a narrativa.

Se se perguntar quando começa a terceira idade, há dificuldade em estabelecer uma clara linha que a limite. E mais ainda, no que ao sexo diz respeito. Está mais que dito que há velhos novos e novos velhos, numa tentativa de demonstrar que cada um é o que quer e (como é óbvio) pode ser, nos mais variados aspectos da vida, onde, logicamente, o sexo tem o seu lugar.

Além disso, há quem diga que o maior e melhor órgão sexual que os humanos têm é o seu cérebro. Sendo assim, deixemos que ele se manifeste e não pensemos que só os tais atletas é que são capazes de nos passar uma boa mensagem de excitação erótica.

Nenhum *voyeur* tem autoridade para determinar que os velhos e as velhas não são eroticamente interessantes nas suas práticas sexuais. E *voyeurs* somos todos: os que apenas vêm e, muito mais, os que lêem e ficam imaginando o que o produtor do texto quis descrever. Que importa a celulite que a idade foi depositando nos corpos femininos? Os joanetes, as veias dilatadas ou os pêlos brancos que surgem mais ou menos dispersos nos corpos dos velhos, serão obrigatoriamente inestéticos? Se apreciamos umas barbas brancas num velho, ou uns caracóis brancos numa cabeça feminina, porque ha-

veremos de considerar sexualmente desinteressantes outros indícios de velhice noutras partes do corpo? E as faces ou as mãos enrugadas, ou os olhos um pouco cansados, que nos surpreendem a cada passo, e que muitas vezes consideramos simpáticos e – mais do que isso – ternos, não terão valor para um encontro sexual?

A experiência acumulada durante a vida é, mais uma vez, um factor decisivo para a qualidade das actividades que se praticam e das apreciações que sobre elas possamos fazer. A atenção e o cuidado com que o relacionamento é materializado, fruto do realismo com que as situações são descritas, emprestam autenticidade à narrativa, o que seduzirá o leitor pertencente ao já referido grupo etário.

Se solicitado, cada um saberá o que tem a fazer e o que lhe apetece que lhe façam, para que o sexo se torne gratificante, o que, no fundo, é o grande objectivo para novos e velhos. Se o texto descreve, com realismo e sem exagero, o encontro e as práticas, o leitor visualizará facilmente um acto natural e espontâneo. E, muito mais importante do que a quantidade que, as mais das vezes, não passa de um delírio da imaginação do escritor, a qualidade das relações sexuais, descritas com o realismo inerente à idade dos protagonistas, é muito mais atraente para quem lê e pode, assim, comparar com a sua experiência.

O leitor lerá e voltará a ler, especialmente se sentir que o texto lhe fala de algo que lhe diz directamente respeito, por estar escrito com verosimilhança e ir ao encontro das suas tendências e desejos recalçados ou saudosos. Considero aconselhável que este género de texto seja lido devagar, como quem saboreia um prato de culinária que se conhece bem e se tem como uma iguaria a repetir, sempre que possível. Evitemos a leitura “a galope” como quem procura chegar rapidamente ao fim, na esperança de averbar na memória mais um livro lido. Fazendo, mais uma vez, o paralelo com os prazeres da gastronomia, recordo que comer depressa e sob pressão pode alimentar-nos, mas não permite que tenhamos prazer nisso.

E, em última análise, não devemos esquecer que o que queremos é ser felizes.

Sabemos que a nossa capacidade de apreciar as diferentes formas de arte fica embotada se a quantidade de beleza que nos for facultada for demasiado grande e variada. Esta, chamemos-lhe imperfeição, faz parte da nossa condição humana. Por isso, sempre que pudermos, devemos desfrutar a arte com lentidão, para que as sensações que ela nos possa provocar fiquem e perdurem na nossa memória de modo a serem evocadas com delícia. Este tipo de textos é sempre considerado como uma forma de literatura menor (talvez maldita) sem que se saiba ao certo porquê e, provavelmente, num conjunto de textos como o que apresento, não poderemos falar de arte, mas o prazer que pudermos obter com a sua leitura será proporcional à capacidade que tivermos para imaginar o que é descrito. Por isso, este será um conjunto de textos a ler devagar, sem preconceitos, imaginando o que é descrito e até procurando avaliar as acções e reacções dos intervenientes nos aspectos físico e psicológico.

Mem Martins, 1 de Novembro de 2018

Os Velhotes